



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MAYSA ALMEIDA ASSIS

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO  
CEARÁ: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO  
DO BRASIL (ALiB)**

**FEIRA DE SANTANA  
2023**

**MAYSA ALMEIDA ASSIS**

**A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO  
CEARÁ: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO  
DO BRASIL (ALiB)**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

**FEIRA DE SANTANA  
2023**

Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso!  
Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.

(Josué 1:9)

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**MAYSA ALMEIDA ASSIS**

### **A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] NO INTERIOR DO CEARÁ: ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa sob a orientação da Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

#### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Josane Moreira de Oliveira (UEFS/UFBA)

---

Norma Lúcia Fernandes de Almeida (UEFS)

---

Leandro Almeida dos Santos (UEFS)

## AGRADECIMENTOS

É com imensa satisfação e lágrimas nos olhos que escrevo estes agradecimentos a todos aqueles que fizeram a minha caminhada possível. A pessoa que chega ao fim da graduação hoje não é constituída apenas por mim, mas por tantas outras que, das mais diversas maneiras, contribuíram para que isso acontecesse, mesmo quando as coisas estavam difíceis, quando a felicidade dominava, quando a minha ausência era compreendida e quando a vibração era conjunta.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, aquele para quem eu recorria todas as noites, seja para pedir ou para agradecer. Sei que a mão do Senhor não apenas me sustentou, mas sustentou toda a minha família durante esses anos de luta. Por meio da Sua graça obtive forças para prosseguir e concretizar meu tão esperado sonho.

Agradeço aos meus pais, meu porto seguro, meu cais quando o mar parecia tão turbulento que chegava a dar medo. Meu pai, que mesmo não tendo concluído o ensino fundamental, defendeu e defende a importância da educação e, construindo tantas casas pela cidade, construiu também o caminho mais bonito para que eu pudesse trilhar. Nunca esquecerei quando disse que não tinha nada para deixar para mim, apenas os estudos. O senhor conseguiu! Minha mãe, a mulher mais carinhosa e compreensiva que existe, sempre esteve disposta a ouvir sobre meu dia, mesmo não entendendo tanto da vida universitária. Seu amor, seu apoio infinito, sua confiança em mim quando nem eu mesma acreditava mais me fizeram chegar até aqui. Nós conseguimos!

Aos meus tios, especialmente os maternos, que de tantas formas me apoiaram, me incentivaram e se fizeram presentes. Suas palavras de incentivo e orgulho foram imprescindíveis!

Aos meus amigos da UEFS, especialmente meu grupo, Maria Gabriela, Beatriz, Gabriela e Maiky, que foram meu respiro de alívio quando as coisas pareciam não dar certo, que foram minha coragem quando o medo surgiu, que acreditaram em mim quando duvidei e que durante cinco anos dividiram as alegrias e as tristezas. Tudo foi mais fácil porque foi com vocês!

Aos demais amigos que mesmo distantes se fizeram presentes.

À minha orientadora, Professora Dra. Josane Moreira de Oliveira, pela paciência e confiança depositada, por ter me acolhido no ALiB e me instruído no mundo da pesquisa.

À equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, pela disponibilização do *corpus*.

À FAPESB, que fomentou a pesquisa de Iniciação Científica.

A todos vocês, meu muito obrigada!

Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos.  
Algumas estagnaram por ausência de escritores.  
Nenhuma sobreviveu sem povo.

(Millôr Fernandes)

## RESUMO

Este trabalho monográfico investiga a realização das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal alta [i] fonológica – como em *mentira* e *liquidificador* – ou derivada, casos em que a vogal resulta do alçamento da vogal média /e/ em posição átona – como em *prateleira*, *tomate* e *tarde*. Nesses contextos, essas consoantes podem ser articuladas como dentoalveolares ([t, d]) ou como palatalizadas ([tʃ, dʒ]). Os dados foram retirados dos inquéritos disponibilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, a partir dos questionários fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL), morfossintático (QMS) e de outras partes do inquérito, com exceção do texto para leitura (Comitê Nacional..., 2001), aplicados em duas cidades do interior do Ceará – Sobral e Iguatu. Foram considerados quatro informantes de cada localidade, distribuídos por sexo e por duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), todos com nível fundamental de escolaridade. Após transcritos foneticamente, os dados foram codificados e submetidos ao programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) para processamento estatístico. A partir do controle de variáveis linguísticas e extralingüísticas, procedeu-se à análise quantitativa e qualitativa dos dados, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) e da Dialetologia (Cardoso, 2002; 2010; Thun, 2017). Foram totalizados 612 (seiscientos e doze) dados, sendo 452 (74%) da realização palatal e 160 (26%) da realização dentoalveolar. Embora as comunidades pesquisadas prefiram a variante inovadora (a palatal), trata-se de um fenômeno variável e os resultados apontam que é condicionado por fatores linguísticos (classe de palavras e natureza da vogal), pragmáticos (tipo de registro) e extralingüísticos (cidade e faixa etária).

**Palavras-chave:** Palatalização de /t, d/ diante de [i]. Variação linguística. Projeto ALiB. Português do Ceará.

## ABSTRACT

This study investigates the realization of the occlusive consonants /t, d/ in front of the phonological high vowel [i] – as in *mentira* and *liquidificador* – or derivative high vowel, cases in which the vowel results from the raising of the middle vowel /e/ in an unstressed position – as in *prateleira*, *tomate* and *tarde*. In these contexts, those consonants can be articulated as dentoalveolar ([t, d]) or as palatalized ([tʃ, dʒ]). The data was extracted from surveys provided by the Linguistic Atlas Project of Brazil, based on phonetic-phonological (QFF), semantic-lexical (QSL), morphosyntactic (QMS) questionnaires and other parts of the survey, with the exception of the text for reading (National Committee..., 2001), applied in two cities in the interior of Ceará – Sobral and Iguatu. Four informants from each location were considered, distributed by sex and two age groups (18 to 30 years old and 50 to 65 years old), all with a primary level of education. After phonetically transcribed and encoded, the data were submitted to the GoldVarb X program (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) for statistical processing. From the control of linguistic and extralinguistic variables, quantitative and qualitative analysis of the data was carried out, based on the theoretical assumptions of the Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) and the Dialectology (Cardoso, 2002; 2010; Thun, 2017). A total of 612 (six hundred and twelve) data were collected, of which 452 (74%) were from the palatal realization and 160 (26%) from the dentoalveolar realization. Although the communities surveyed prefer the innovative variant (the palatal), it is a variable phenomenon and the results indicate that it is conditioned by linguistic factors (class of word and nature of the vowel), pragmatic factor (part of the questionnaire) and extralinguistic factors (city and age group).

**Keywords:** Palatalization of /t, d/ before [i]. Linguistic variation. ALiB Project. Portuguese of Ceará.

## **LISTA DE SIGLAS**

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos

CE – Ceará

PB – Português Brasileiro

PEUL – Programa de Estudos sobre os Usos da Língua

VARSUL- Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil

QFF – Questionário Fonético-Fonológico

QMS – Questionário Morfossintático

QSL – Questionário Semântico-Lexical

UFBA – Universidade Federal da Bahia

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1: Rede de pontos da Região Nordeste (Projeto ALiB) .....	20
Figura 2: Localização de Sobral – CE .....	21
Figura 3: Localização de Iguatu – CE .....	22
Gráfico 1: Resultado geral dos dados para /t, d/ diante de [i] em Sobral e Iguatu – CE ....	25

**LISTA DE QUADRO E TABELAS**

Quadro 1: Variáveis controladas na pesquisa .....	23
Tabela 1: Palatalização e ‘Cidade’ .....	26
Tabela 2: Palatalização e ‘Faixa etária’ .....	27
Tabela 3: Palatalização e ‘Classe de palavras’ .....	28
Tabela 4: Palatalização e ‘Natureza da vogal’ .....	30
Tabela 5: Palatalização e ‘Tipo de registro’ .....	30
Tabela 6: Percentual de palatalização nas variáveis descartadas .....	32

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	8
<b>2 A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i] .....</b>	11
<b>3 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....</b>	14
3.1 A DIALETOLOGIA .....	14
3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA .....	16
3.2.1 Interface entre a Dialetologia e a Sociolinguística .....	18
3.3 O PROJETO ALiB .....	18
3.4 AS COMUNIDADES PESQUISADAS .....	20
3.4.1 Sobral .....	21
3.4.2 Iguatun .....	22
<b>4 PROCEDIMENTOS .....</b>	23
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	25
5.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS .....	26
5.1.1 Cidade .....	26
5.1.2 Faixa etária .....	27
5.1.3 Classe de palavras .....	28
5.1.4 Natureza da vogal .....	29
5.1.5 Tipo de registro .....	30
5.2 VARIÁVEIS DESCARTADAS .....	31
<b>6 CONCLUSÕES .....</b>	34
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	36

## 1 INTRODUÇÃO

Língua e sociedade mantêm uma relação intrínseca. Entretanto só a partir dos estudos sociolinguísticos é que essa relação se torna alvo mais explícito nos estudos da linguagem. É impossível pensar em língua e linguagem à parte das questões sociais e das relações que se dão entre os sujeitos. Alkmim (2001) considera, inclusive, que essa relação é a base da constituição humana. Segundo a autora,

A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico. (Alkmim, 2001, p. 21)

Dessa forma, Labov (2008 [1972]), pai da Sociolinguística Variacionista, insiste na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de investigar e descrever a sistematicidade da variação existente e própria das línguas. O modelo de análise linguística proposto pelo autor é também rotulado de “Sociolinguística Quantitativa”, pois, como, em se tratando de variação, não se pode reduzir os fatos a uma questão de tudo ou nada, opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

Com base nisso, pode-se pensar a respeito das línguas faladas atualmente e no processo histórico pelos quais passaram, sendo sempre sucessões de outros falantes anteriores, que exercem grandes influências no desenvolvimento das variações. No português do Brasil, como nas línguas naturais em geral, é possível encontrar variações em todos os níveis linguísticos – lexical, fonético, morfológico, sintático e semântico. Levando em consideração, por exemplo, falantes da Região Nordeste e da Região Sudeste, percebe-se um grande número de variações fonéticas, sejam elas na produção de vogais pretônicas abertas ou fechadas, nas realizações dentoalveolares ou palatais de /t, d/ diante de [i], entre outras.

Todavia não é preciso ir muito longe para refletir a respeito dessas variações. Dentro de uma mesma região é possível encontrar diferentes realizações fonéticas de um mesmo fonema, isto porque, levando em consideração as dimensões sociais, as formações de cada comunidade e as particularidades de cada povo, fatores diversos influenciam e influenciam na variação linguística de cada lugar, como forma, principalmente, de identidade sociocultural.

Segundo Alkmim (2001), é possível pensar nessas variações sociais ou diastráticas enquanto formadoras de identidades dos falantes e consequência da organização sociocultural da comunidade. Assim, as pesquisas de base sociolinguística devem sempre levar em consideração quais os fatores que podem determinar ou influenciar na predominância de determinadas variáveis em determinados locais, como, por exemplo, classe social, sexo, idade, contexto social, escolaridade, entre outros, pois, ainda segundo Labov (2007), o objetivo dos estudos sociolinguísticos é observar a fala em seu uso cotidiano, como instrumento que as pessoas utilizam para se comunicar.

Nessa perspectiva, sabe-se que a realização das consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal alta [i], como em *tio*, *dia* – em que a vogal /i/ é fonológica – e em *leite*, *tarde*, *teatro* – em que a vogal [i] é derivada, fruto do alçamento da vogal média /e/, no português brasileiro (PB), é um fenômeno variável. Isso ocorre, pois, a depender do contexto, os falantes podem articular os segmentos consonânticos como dentoalveolares [t, d] ou como palatais [tʃ, dʒ], estas últimas consideradas mais recentes no PB. Essa variação, bem como todas as outras, não ocorre de maneira aleatória, mas, de acordo com o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) e da Dialetologia (Cardoso, 2002; 2010; Thun, 2017), é condicionada por outros fatores de ordem linguística e social. Nesse sentido, Bright (1966, p. 17) afirma que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é ‘livre’, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas”.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é um grande contribuidor nesse processo de análise dos diversos fenômenos variáveis da língua. Nascido em 1996, na UFBA, publicou os dois primeiros volumes do atlas em 2014 e o terceiro em 2023, estando outros em andamento. Vinculada a esse projeto, de cunho nacional e interinstitucional, desenvolve-se a pesquisa sobre a realização de /t, d/ diante de [i] no Brasil (Mota; Oliveira, 2023).

Esta pesquisa, vinculada à anterior, visa a responder às seguintes questões: Qual a realização predominante de /t, d/ diante de [i] nas cidades de Sobral (ponto 40 da rede do ALiB) e Iguatu (ponto 49 da rede do ALiB), localizadas no interior do Ceará? Quais os condicionamentos linguísticos e sociais das variantes? Há diferenças dialetais entre as duas localidades?

Assumindo como hipótese que esse fenômeno é variável na Região Nordeste, o objetivo geral deste estudo é analisar a realização variável das consoantes /t, d/ diante de [i], que pode ser dentoalveolar ou palatalizada, nas cidades de Sobral e Iguatu – CE, contribuindo para o avanço do mapeamento do português brasileiro. E são objetivos específicos: a)

verificar qual a realização predominante de /t, d/ diante da vogal [i] em Sobral e Iguatu – CE; b) verificar se há diferenças dialetais entre as duas localidades quanto a esse fenômeno variável; c) identificar os condicionamentos linguísticos da variação analisada; e d) verificar se condicionamentos extralingüísticas, como faixa etária e sexo do informante, apresentam correlação com a variação analisada.

Além disso, os resultados desta pesquisa podem e devem contribuir para o combate ao preconceito linguístico dentro e fora das salas de aula, especialmente quando se observa que as variantes estigmatizadas só aparecem nessa posição de inferioridade pelo fato de estarem atribuídas a outros contextos socioculturais, a exemplo da associação às classes sociais desfavorecidas ou aos níveis de escolaridades mais baixos. Portanto combater o preconceito linguístico é, também, combater os demais níveis de exclusão e discriminação.

Esta monografia, além desta primeira seção introdutória, está organizada em mais quatro seções, além das conclusões e das referências. Na seção 2, apresenta-se uma breve revisão do tema da pesquisa – a realização de /t, d/ diante de [i]. Na seção 3, descreve-se o quadro teórico-metodológico adotado para a análise dos dados. Na seção 4, são elencados os procedimentos necessários no tratamento dos dados. Por fim, na seção 5, apresentam-se e discutem-se os resultados encontrados.

## 2 A REALIZAÇÃO DE /t, d/ DIANTE DE [i]

As consoantes oclusivas /t, d/ diante da vogal [i], tanto em casos como *tia*, *dia*, *tiara* e *diadema*, por exemplo, em que a vogal [i] é fonológica, quanto em palavras como *leite*, *dente* e *desvio*, em que a vogal [i] é derivada – fruto do alçamento da vogal média /e/ em posição átona –, podem assumir, no português brasileiro, a articulação dentoalveolar, mantendo a articulação oclusiva, ou podem passar às africadas [tʃ, dʒ], consideradas palatais ou palatalizadas, como se observa em diversas regiões do país.

No Brasil, essa variação pode ser atestada a partir de diversos fatores, a exemplo dos espaços geográficos (variação diatópica), níveis socioculturais (variação diastrática) ou por diferenças estilísticas (diafásicas). Para Silva Neto (1986 [1950]), a realização de /t, d/ diante de [i] possui um caráter distrático e está associada à proporção que os indivíduos sobem ou descem na escala social, caracterizando-a, ainda, como um caso de “certo relaxamento muscular”.

Esse fenômeno variável também aparece descrito nos anais das normas aprovadas pelo Primeiro Congresso de Língua Falada no Teatro, realizado em Salvador, em 1956. Assim:

A fixação destas normas não implica de forma alguma a fixação definitiva e irrecorrível da fonética da língua-padrão. Por isso mesmo foram elas chamadas “normas” e não “leis”. Casos há que, embora definidos pela atenção aguda e cautelosa de filólogos eminentes, carecem ainda de comprovação experimental. Outros casos há também, dependentes de mais completa generalização, não só porque as línguas vivas são manifestações humanas de perpétua evolução, como por se achar ainda a língua nacional em fase incontestável de adolescência e desenvolvimentos. Verificações experimentais ulteriores bem como fixações novas que porventura apareçam deverão transformar necessariamente as normas que com elas colidam. (Congresso, 1958, p. 35 apud Bulcão; Oliveira, 2018, p. 3)

Essas normas às quais a citação acima se refere, a nível de melhor compreensão do fenômeno, são:

[...] 3) que a consoante [d], quando ocorre antes de [i] ou [y], pode palatalizar-se, passando a [d'], podendo essa palatalização apresentar um grau maior, [d̪], de africada linguopalatal sonora, que deve ser evitada na pronúncia do teatro;  
 4) que a consoante [t], quando ocorre antes de [i] ou [y], pode palatalizar-se, passando a [t'], podendo essa palatalização apresentar um grau maior, [t̪], de africada linguopalatal surda, que deve ser evitada na pronúncia do teatro [...]. (Congresso..., 1958, p. 490 apud Bulcão; Oliveira, 2018, p. 3)

Essas normas refletem, de maneira evidenciada, o estigma associado à articulação dentoalveolar em maior grau, dando a entender que a forma foge do português padrão e que, portanto, deve ser evitada. À luz da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia Pluridimensional, atualmente, é que se busca desenvolver estudos e pesquisas capazes de explicar as variações linguísticas e, a partir disso, combater qualquer tipo de discriminação associado a qualquer que seja o tipo de manifestação da língua.

Bulcão e Oliveira (2018), analisando dados do interior de Pernambuco advindos do Projeto ALiB, constataram que a variação da realização de /t, d/ diante [i] é predominantemente de caráter diatópico.

Ribeiro (2018) estudou a realização dessas consoantes no interior baiano e verificou que:

[...] o fenômeno está mais presente nas mulheres jovens e nas áreas que abrangem o Centro Sul e o Sul Baiano, além da região Metropolitana de Salvador e uma localidade do Centro Norte Baiano. Quanto aos aspectos linguísticos, a vogal alta fonológica se coloca como favorecedora, apresentando um percentual de 72.7% e 0.658 de peso relativo. Quando separado o fenômeno por contexto de natureza da vogal, as variáveis linguísticas selecionadas no âmbito da vogal derivada foram a tonicidade e o vozeamento, enquanto que, na vogal fonológica, a consoante antecedente e a vogal antecedente é que favoreceram a aplicação da palatalização na área considerada. (Ribeiro, 2018, p. 8)

Ainda segundo a autora, “a palatalização na Bahia revelou-se como um fenômeno diatópico, que varia conforme a procedência geográfica do falante” (p. 104) e

[...] a faixa etária mais jovem e o sexo feminino são as variáveis sociais que têm favorecido a aplicação da palatalização na Bahia, a partir do *corpus* do Projeto ALiB. Por essa razão, acredita-se que o fenômeno em estudo pode estar caminhando rumo à mudança, uma vez que sua predominância está entre as mulheres jovens. (Ribeiro, 2018, p. 104).

Dantas (2018) investigou esse mesmo fenômeno em Camocim e Crato, localidades do interior do Ceará, também a partir de dados do Projeto ALiB e constatou que as comunidades cearenses estudadas caracterizam-se pela realização variável de /t, d/ diante [i], com preferência pela não-palatalização, pois, dos 517 dados encontrados, 331 (64%) foram de realização dentoalveolar e apenas 186 (36%) foram de realização palatal, que é condicionada por fatores linguísticos e sociais. Segundo a autora, “favorecem a palatalização de /t, d/ diante de [i] as vogais nasais (com peso relativo de 0,997), as sílabas medial e inicial (com pesos relativos de 0,871 e 0,721, respectivamente) e a vogal derivada (com peso relativo

de 0,736)" (Dantas, 2018, p. 25).

Os resultados de Mota e Oliveira (2023), analisando a platalização de /t, d/ diante de [i] nas capitais brasileiras, também a partir de dados do ALiB, apontam que a palatalização das consoantes predomina em quase todas as capitais do Brasil, com exceção de Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju, na Região Nordeste; Cuiabá, na Região Centro-Oeste; e Florianópolis, na Região Sul.

Especificamente sobre o Ceará, as autoras constatam que em Fortaleza – CE a realização palatalizada é categórica, tanto para a vogal /i/ fonológica quanto para a vogal [i] derivada. Daí a importância de verificar como se comportam as localidades do interior, para ver se seguem ou não a capital. Dizem as autoras que

[...] a regra da palatalização de /t, d/ diante de /i/ (vogal fonológica) é favorecida em Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Manaus, Teresina, Campo Grande e Curitiba. Com exceção desta última capital, em que a palatalização atinge 93% dos dados, nas demais, trata-se de uma regra semicategórica. Inibem a realização palatalizada as capitais Florianópolis, Cuiabá, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju.

Com base nos dados apresentados, verifica-se que a realização dentoalveolar resiste apenas em sete das 25 capitais: Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju — formando um contínuo no extremo leste da costa nordestina —, Florianópolis e Cuiabá [...] (Mota; Oliveira, 2023, p. 120)

Mais adiante, sobre a vogal derivada, dizem:

A regra de palatalização de /t, d/ diante de [i] (vogal derivada), portanto, é favorecida em Goiânia, Manaus, Boa Vista, Macapá, Porto Velho, Campo Grande e Teresina, sendo essa regra semicategórica nas três primeiras cidades. Inibem a realização palatalizada as capitais Florianópolis, Cuiabá, Curitiba, Natal, Recife, Aracaju, João Pessoa e Maceió.

A área de realização dentoalveolar diante da vogal derivada [i] repete o contínuo da vogal fonológica /i/ no extremo leste da costa nordestina [...] (Mota; Oliveira, 2023, p. 124)

Considerando, pois, o registro da realização dentoalveolar na Região Nordeste, embora não em Fortaleza, esta pesquisa investiga o fenômeno em duas cidades do interior do Ceará com o intuito de contribuir para a descrição do português brasileiro, o objetivo maior do Projeto ALiB.

### **3 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Como já afirmado, a variação linguística é um fenômeno recorrente, derivado dos mais diversos contextos em que cada falante se insere. Partindo disso, entende-se que a língua não existe por si só, mas reflete a realidade sociocultural e, sobretudo, a posição social de cada indivíduo. Logo essa variação não ocorre de maneira caótica e desordenada, mas, como afirma Bright (1966), tais variações exercem relações causais e sistemáticas, passíveis de análise.

Portanto, a fim de entender a variação fonética da realização de [t, d] diante de [i] no Estado do Ceará, mais especificamente nas cidades de Sobral e Iguatu, esta pesquisa considerou duas linhas teóricas. Na primeira subseção, abordamos os estudos dialetais, com base na Dialetologia e na Geolinguística, a partir de Cardoso e Ferreira (1994), discutindo também o conceito de preconceito linguístico, a partir de Bagno (2015). Na segunda subseção, abordamos a Sociolinguística, principal teoria de embasamento da presente pesquisa, sob a luz de Bright (1966), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), Alkmin (2001) e Labov (2007), a fim de verificarmos a relação estabelecida entre língua e sociedade. Ambas as disciplinas – a Sociolinguística e a Dialetologia – ocupam-se dos estudos da língua falada e contextualizada e, portanto, são essenciais para a melhor compreensão da variação aqui estudada.

#### **3.1 A DIALETOLOGIA**

A diversidade linguística é um fato que há muito interessa estudiosos da linguagem, entretanto, enquanto Ciência, esses estudos são relativamente recentes. Atualmente, busca-se descrever de forma concreta os elementos que contribuem para o caráter variável das línguas, visto que este é um fator inerente às comunidades de fala. Com base nisso, os primeiros estudos dialetológicos que pensavam a língua em um contexto variável surgiram no final do século XIX, buscando, inicialmente, obter respostas para as regras fonológicas das línguas, em discordância ao fato de que as mudanças ocorriam de modo regular.

A partir das pesquisas iniciais, percebeu-se que ainda não havia, de maneira evidente, limites espaciais para as variações linguísticas e que um mesmo falante, que ocupava um mesmo espaço geográfico, podia variar em sua fala. Com base nas evidências, desenvolveu-se métodos de coletas de dados, chamado de Geografia Linguística. Destaca-se, nesse

processo, o pesquisador Wenker, da Alemanha, que em 1876, por meio de inquéritos enviados para professores, publicou os primeiros resultados utilizando o método mencionado. Após isso, buscando melhorar os métodos de pesquisa já existentes, Gilliéron treinou um único inquiridor, Edmond Edmont, que percorreu 639 localidades e realizou 700 entrevistas, constituindo os dados para a publicação do *Atlas linguistique de la France* (ALF), publicado entre 1902 e 1912.

No Brasil, o primeiro registro de documentos que se referem à natureza dialetológica parte de Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, através de um informe escrito em 1926, quando ocupava o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil na França. No registro, o autor informava uma lista de cerca de oito nomes que, a depender do contexto, variavam de significado. Assim, os estudos a respeito dessas variações na língua portuguesa são firmados com o que chamamos atualmente de Dialetologia.

De acordo com Cardoso (2010), é com a publicação do estudo de Domingos Borges de Barros que se inicia a primeira fase dos estudos dialetais no Brasil. A partir daí, Nascentes (1952) propõe mais duas fases que, mais tarde, Ferreira e Cardoso (1995) redefinem como três fases. Posteriormente, Mota e Cardoso (2006) sugerem a existência de quatro fases e, em 2018, Teles demarca a quinta fase.

Resumidamente, a primeira fase refere-se à publicação do estudo do Visconde de Pedra Branca, em 1926. A segunda tem início com a publicação de *O dialeto caipira* (1920), de Amadeu Amaral. A terceira fase é marcada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que definiu, dentre as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a principal delas: a criação de um Atlas Linguístico do Brasil. Antenor Nascentes, na obra *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1952; 1961), é o primeiro a definir os principais passos metodológicos para o desenvolvimento do mapeamento linguístico nacional, embora reconhecesse a impossibilidade do processo, devido à vasta extensão territorial do país. Nessa fase publica-se o primeiro atlas linguístico no Brasil, em 1963, o *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) (Rossi, 1963).

A quarta fase é datada em 1996, com instalação do Comitê Nacional do Projeto ALiB e, finalmente, a quinta e mais recente fase, definida por Teles (2018), é demarcada com a publicação dos volumes 1 e 2 do Atlas Linguístico do Brasil, em 2014.

A partir dos estudos dialetológicos, Cardoso (1999) destaca o surgimento da Geolinguística, principal método da Dialetologia. Aponta, assim, que a necessidade de uma geografia linguística no Brasil nasce a partir da dificuldade de a Dialetologia realizar um

atlas nacional, devido às dimensões territoriais. A partir disso, a Geolinguística entra em ação para, antes de tudo, partir dos atlas estaduais.

Cardoso (1999) defende, portanto, a urgência da construção desse mapeamento, tendo em vista a necessidade do conhecimento da realidade linguística brasileira, que é ampla e diversificada:

O quadro histórico-social do país, hoje, e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade lingüística brasileira, necessário sobremodo à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do Brasil, estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de se desenvolverem estudos mais amplos que levem a esse conhecimento global que se afigura tarefa da Dialectologia brasileira, nesse final de milênio, a se concretizar, fundamentalmente, com a realização do atlas lingüístico geral do Brasil. (Cardoso, 1999, s/p)

Para além da demarcação das variedades linguísticas, os estudos dialetológicos têm como base essencial o combate ao preconceito linguístico e aos privilégios associados a determinados grupos de falantes em detrimento de outros. Assim, é importante o entendimento das inúmeras variações presentes no português bem como os motivos pelos quais existem, para que sejam eliminadas as visões distorcidas que acabam por estigmatizar determinadas variantes, colocando a norma culta em um nível acima das demais, reforçando a ideia de “certo” e “errado” e excluindo grupos que socialmente já aparecem em situações marginalizadas.

### 3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA

Em 1963, William Labov firma-se como pai da Sociolinguística Variacionista, após publicar uma pesquisa sobre a comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, em que destaca o papel social enquanto decisivo no que concerne às variações linguísticas encontradas. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apresentam as bases para o estudo da variação e da mudança linguística, formulando cinco questões teóricas centrais: os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação das mudanças linguísticas.

Labov utilizou, em suas pesquisas, o método de análise através da gravação de falas de informantes, capazes de captar a realização da língua em seu uso real e, por isso, definiu a Sociolinguística como o estudo da língua falada atrelada ao seu contexto social. Por isso, a língua em seu contexto natural, dentro de uma comunidade de fala, isto é, um grupo de pessoas que compartilham dos mesmos traços linguísticos, tornou-se o objeto de pesquisa da

área.

Em 1964, o termo Sociolinguística se firmou com o linguista William Bright, como uma área da Linguística. Na ocasião, o referido autor definiu a Sociolinguística enquanto a teoria que deveria demonstrar a relação sistemática entre as variações linguísticas e a contraparte social. Isto é, deveria relacionar as variedades linguísticas encontradas em uma determinada sociedade às suas estruturas sociais. A partir disso, Bright (1966) define alguns fatores que devem ser analisados a partir dos estudos sociolinguísticos: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, contexto social e as atitudes linguísticas.

No Brasil, a área de pesquisa começou a se desenvolver a partir do surgimento do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (PEUL), chamado originalmente de Projeto Censo Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pelo pesquisador Anthony Naro, que foi o pioneiro no uso das metodologias da Sociolinguística Variacionista, por volta de 1980. Foram realizadas cerca de 64 entrevistas, referentes às comunidades de fala do Rio de Janeiro. Após isso, outros bancos de dados foram surgindo, a exemplo do Projeto Variação Urbana da Região Sul do Brasil (Varsul), todos seguindo a mesma metodologia de pesquisa.

Assim, com o avanço dos estudos sociolinguísticos, passou-se a investigar as variações linguísticas e de que forma os fenômenos sociais atuam nas realizações da fala. Assim, através do método de análise dos pesquisadores da área, por meio de entrevistas gravadas, é possível controlar uma série de variáveis intra e extralingüísticas, que permitem definir quais interferem ou não na variação observada. Dessa forma, para Alkmim (2001):

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização social cultural da comunidade de fala. (Alkmim, 2001, p. 34)

Portanto é de suma importância a análise e o controle desses dados diatópicos e diastricos para a averiguação de como o social influencia na linguagem e como as variações linguísticas ocorrem dentro do contexto social.

### 3.2.1 Interface entre a Dialetologia e a Sociolinguística

Urge a necessidade de destacar que ambas as correntes linguísticas, a Dialetologia e a Sociolinguística, trabalham com a língua enquanto elemento social e ambas se ocupam do mesmo objeto de estudo: a variação na língua falada. Mas, embora se aproximem e se complementem, elas partem de objetivos diferentes na descrição dos fenômenos.

A Dialetologia se interessa pelo mapeamento geográfico das variações linguísticas, isto é, os dialetos. Assim, os levantamentos de traços linguísticos regionais específicos – a exemplo de itens fonológicos, por exemplo – constituem as pesquisas dessa natureza. A Sociolinguística, por sua vez, preocupa-se com o uso das línguas dentro das chamadas comunidades de fala, levando em consideração aspectos sociais – a exemplo da faixa etária, sexo do informante, dentre outros –, não se preocupando com as fronteiras geográficas. O que os sociolinguistas buscam é entender como as variações se comportam diante das estratificações dessas comunidades.

Assim, em síntese, a Dialetologia toma como base um traço linguístico específico em determinadas áreas geográficas, enquanto a Sociolinguística busca observar como esse traço é produzido dentro da comunidade de fala, ou seja, quem fala de tal forma e por que fala, a partir de questões sociais.

## 3.3 O PROJETO ALiB

Como dito anteriormente, Nascentes (1952; 1961) estabeleceu as bases para a criação de um atlas linguístico nacional que desse conta de registrar e compreender as isoglossas presentes no território brasileiro e a variação linguística da língua portuguesa do Brasil. Dessa forma, em 1996, foi criado, na Universidade Federal da Bahia, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), um projeto de caráter nacional e interinstitucional que visa à elaboração de um atlas linguístico nacional capaz de descrever fenômenos variáveis do português, percorrendo áreas de todo o país. Sua metodologia segue a linha da Geolinguistica Plurimensional e a análise dos fômenos leva em consideração não apenas fatores diatópicos como também diastráticos, diassexuais, diageracionais, diafásicos e diarreferenciais.

Metodologicamente, os pesquisadores do Projeto aplicaram um inquérito composto de um questionário fonético-fonológico (QFF), incluindo questões de prosódia, um questionário semântico-lexical (QSL) e um questionário morfossintático (QMS), incluindo

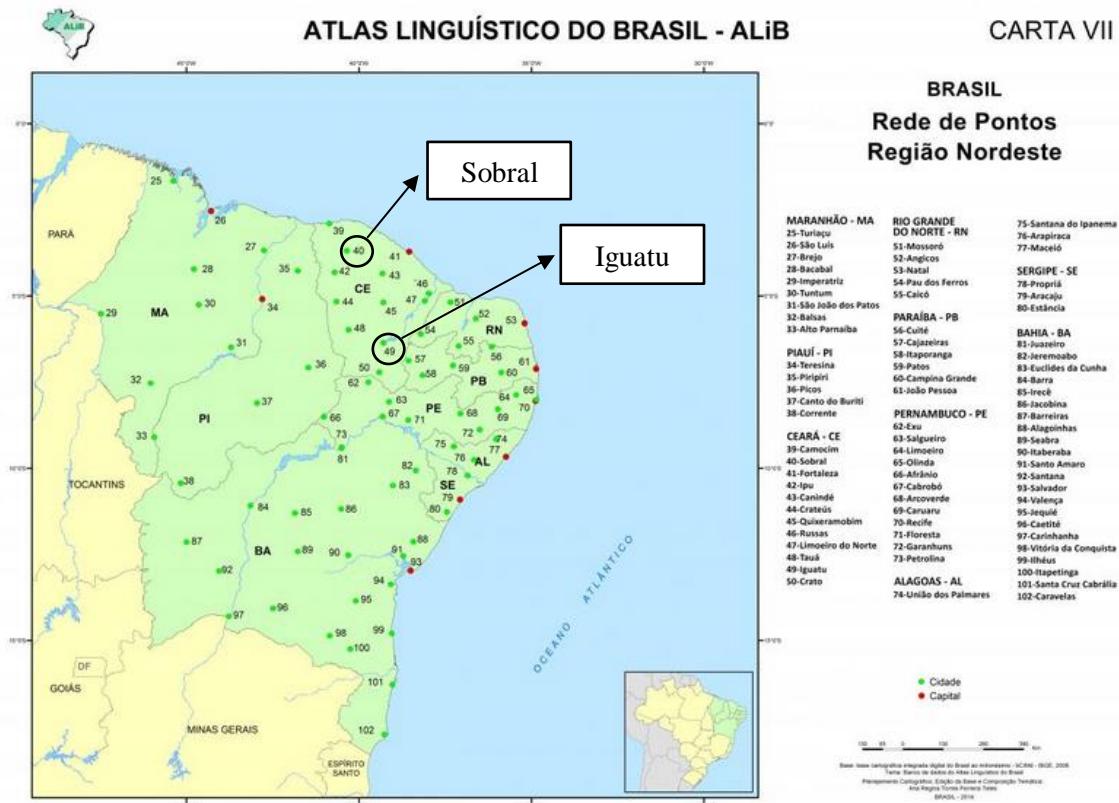
questões de pragmática, discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e um texto para leitura (Comitê Nacional..., 2001). As entrevistas foram aplicadas a 1.100 informantes, distribuídos pelos dois sexos e por duas faixas etárias (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos), de 250 localidades espalhadas por todo o país (do Oiapoque ao Chuí), aí incluídas as capitais (com exceção de Palmas e Brasília, pelo pouco tempo de formação). Em cada capital, foram inquiridos oito informantes e em cada localidade do interior foram entrevistados quatro informantes. Nas capitais, os informantes estão estratificados também por nível de escolaridade (fundamental e universitário); nas localidades do interior, os informantes têm apenas o nível fundamental.

Com o *corpus* constituído e com as primeiras análises, o ALiB publicou seus dois primeiros volumes em 2014, o terceiro em 2023, estando os demais em fase de preparação. O objetivo principal do ALiB é documentar fenômenos variáveis da língua portuguesa em uma perspectiva não apenas linguística, por meio das variações fonéticas, sintáticas, morfológicas, lexicais, dentre outras, mas também a partir de uma perspectiva social, em que aspectos como o sexo, a faixa etária, a escolaridade, a localidade, dentre outros, condicionam a existência da variação linguística no vasto território brasileiro.

Dentre as variáveis investigadas pelo Projeto, destaca-se a realização de /t, d/ diante de [i], fenômeno já analisado em todas as capitais brasileiras (Mota; Oliveira, 2023) e, posteriormente, no interior da Região Nordeste, como é o caso desta pesquisa. O *locus*, assim, foram as cidades de Sobral (ponto 40) e Iguatu (ponto 49), localizadas no interior do Ceará e que integram a rede de pontos do ALiB.

As rede de pontos da Região Nordeste do Projeto ALiB encontra-se na Figura 1, a seguir, em que estão destacadas as localidades consideradas nesta pesquisa:

**Figura 1:** Rede de pontos da Região Nordeste (Projeto ALiB)



Considerando, pois, o tripé que caracteriza a metodologia dos estudos dialetais, o Projeto ALiB definiu a rede de pontos com 250 localidades, os questionários (cf. Comitê Nacional..., 2001) e entrevistou 1.100 informantes.

Vinculada a esse projeto nacional, esta pesquisa assumiu como locus as cidades de Sobral e Iguatu, no interior do Ceará. Essas comunidades estão sumariamente apresentadas na seção seguinte.

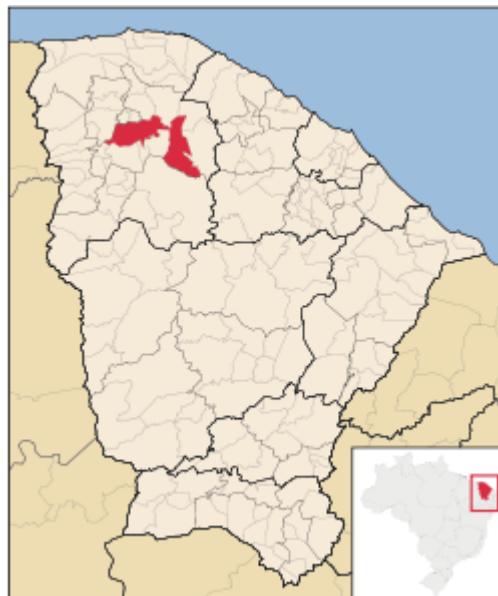
### 3.4 AS COMUNIDADES PESQUISADAS

As cidades cujos dados constituíram o *corpus* da pesquisa (Sobral e Iguatu), no Ceará, estão brevemente caracterizadas a seguir.

### 3.4.1 Sobral

O município de Sobral, um dos maiores do estado, situa-se no norte do Ceará, a 234 quilômetros da capital. A localidade foi fundada em 1757, quando colonos passaram a subir pelo Nordeste e se instaurar no Ceará, às margens dos rios Acacaú e Jaguaribe. O município surgiu, posteriormente, a partir da Fazenda Caiçara, doadas pela Coroa Portuguesa a Antonio da Costa Peixoto. Antes da colonização, o local era habitado por indígenas Tupis.

**Figura 2:** Localização de Sobral – CE



Fonte: Wikipédia.

O povoado, com o passar do tempo, foi elevado à categoria de Vila Distrita e Real de Sobral em 1773. Localizada entre duas grandes capitais, Fortaleza e Teresina, é destaque econômico e turístico do estado. Em 12 de janeiro de 1841, a Vila de Sobral foi elevada à categoria de cidade, ganhando o nome de Fidelíssima Cidade Januária de Aracaú e, já em 1842, pelo Decreto nº 244, passou a chamar-se de Sobral. Seu crescimento econômico se deu em torno da pecuária e da agricultura, principalmente do algodão e do tabaco. Atualmente, Sobral se destaca por sua economia diversificada, por excelentes instituições de ensino e por ser forte ponto turístico (REDAÇÃO, 2023).

### 3.4.2 Iguatu

Iguatu localiza-se na Região Centro-Sul do estado e configura-se como um dos principais polos econômicos do Ceará. Seus primeiros registros históricos remontam à chegada dos colonizadores, quando era povoada por indígenas Cariris e Tupuias. O nome Iguatu, que significa “água boa” (do tupi), foi dado pelos colonizadores, pois, além da qualidade da água, se assemelha a Rio Bom, município próximo de onde partia a maioria dos colonizadores e de onde corre o rio que banha a região (Montenegro, 2021).

**Figura 3:** Localização de Iguatu – CE



Fonte: Wikipédia.

Com a chegada dos colonizadores, a região foi explorada e sua economia se baseava, principalmente, na agropecuária. Sua emancipação se deu em 1853, quando se desmembrou do município de Várzea Alegre. Atualmente, o município, que está a cerca de 380 km de Fortaleza, é considerado a capital do centro-sul e a terra da telha e do algodão. Destaca-se ainda pelo comércio, pela indústria e pela cultura.

## 4 PROCEDIMENTOS

Para a análise da realização variável /t, d/ diante de [i], foram consideradas duas localidades do interior do estado do Ceará (Sobral e Iguatu). No total, foram analisados dados de oito informantes – quatro de Sobral e quatro de Iguatu –, coletados dos inquéritos realizados previamente pela equipe do ALiB e disponibilizados para esta pesquisa. Os dados foram levantados das respostas aos questionários fonético-fonológico (QFF), semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QMS), bem como de outras partes do inquérito, com exceção da leitura. Essa coleta foi feita a partir da audição e da transcrição fonética de todas as palavras que continham o contexto /t, d/ diante de [i].

Após a audição e a transcrição fonética, os dados foram codificados de acordo com as varáveis controladas – linguísticas, pragmática, sociais e geográfica –, considerando a hipótese de que poderiam condicionar a realização palatalizada e/ou dentoalveolar dos segmentos em estudo. Essas varáveis estão apresentadas no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1:** Variáveis controladas na pesquisa

<b>Variáveis linguísticas</b>
Vozeamento: consoante surda /t/ ou sonora /d/
Tipo de vogal: fonológica ou derivada
Posição da sílaba: inicial, medial ou final
Tonicidade da sílaba: tônica ou átona
Vogal antecedente: [a, ā], [ɛ, e, ē], [i, ī], [ɔ, o, ō], [u, ū], semivogal anterior [y] ou semivogal posterior [w]
Consoante antecedente: constitutiva alveolar, constitutiva palatal ou constitutiva laríngea, velar ou vibrante
Nasalidade da vogal: oral ou nasal
Classe de palavras: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, numeral, advérbio, preposição
<b>Variáveis sociais</b>
Sexo: masculino ou feminino
Faixa etária: I (18 a 30 anos) ou II (50 a 65 anos)
<b>Variável estilística</b>

Tipo de registro: mais monitorado (QFF, QSL) ou menos monitorado (demais partes)
<b>Variável geográfica</b>
Cidade: Sobral ou Iguatu

Fonte: Elaboração própria.

Após codificados, os dados foram submetidos ao programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), um programa de regras variáveis, para processamento e geração dos resultados estatísticos. O programa gerou as frequências, os pesos relativos e o nível de significância de cada fator e de cada grupo de fatores, selecionando as variáveis estatisticamente significativas, ou seja, indicando a presença ou a ausência de correlação entre as varáveis previsoras e a realização de /t, d/ diante de [i].

Procedeu-se a uma única rodada dos dados, tendo como regra de aplicação a palatalização de /t, d/ diante de [i]. Para esta pesquisa, não foram realizados cruzamentos entre fatores e grupos de fatores por uma questão de tempo (uma das limitações do trabalho), mas fica a sugestão para trabalhos futuros.

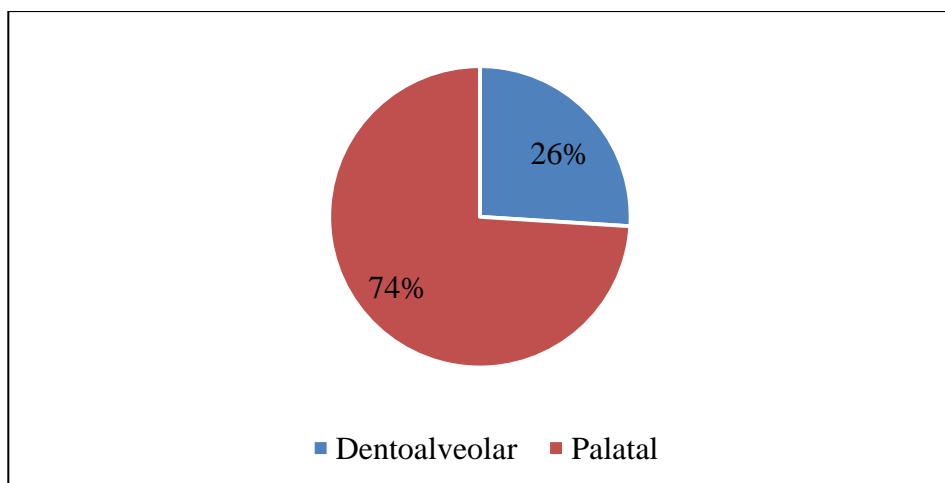
A partir desses resultados quantitativos, procedeu-se à apresentação e à interpretação qualitativa dos achados da pesquisa, confirmando ou refutando as hipóteses assumidas, que estão apresentadas no decorrer da análise, apresentada na seção seguinte.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A palatalização das consoantes /t, d/ diante de [i] pode ocorrer em dois contextos diferentes, ambos levados em consideração nesta pesquisa: /t, d/ diante de /i/ vogal fonológica – como em *artigo* e *diadema* – e /t, d/ diante de [i] vogal derivada – como em *dente* e *desde*, contexto derivado do alçamento da vogal /e/ em posição átona.

A partir da audição, transcrição e codificação dos dados coletados das cidades de Sobral e Iguatu – CE, foram encontradas, no total, 612 ocorrências de /t, d/ diante de [i], levando em consideração, como já dito, as vogais fonológicas e derivadas. Desse total, 452 (74%) foram de realização palatal, considerada inovadora no PB, já que não é herança portuguesa; enquanto 160 (26%) foram da variante dentoalveolar, como é possível observar no Gráfico 1, a seguir:

**Gráfico 1:** Resultado geral dos dados para /t, d/ diante de [i] em Sobral e Iguatu – CE



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apontam, portanto, que, de modo geral, nas localidades de Sobral e Iguatu predomina a variante palatalizada. No entanto esse não é um fenômeno categórico, visto que houve 26% de ocorrências da variante dentoalveolar, diferentemente do que ocorre na capital, Fortaleza, cidade em que a realização palatal é categórica, conforme apontam Mota e Oliveira (2023). Dessa forma, procedeu-se à análise variacionista, a fim de entender quais variáveis linguísticas e extralingüísticas controladas na pesquisa condicionam ou não a produção da palatalização.

A partir desse resultado preliminar, levando em consideração a variável palatal como regra de aplicação, o GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevantes os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: ‘Cidade’, ‘Faixa etária’, ‘Classe de palavras’, ‘Natureza da vogal’ e ‘Tipo de registro’, evidenciando que, inicialmente, a palatalização de /t, d/ diante de [i] nas cidades pesquisadas é condicionada tanto por fatores linguísticos quanto extralingüísticos. O *input* final foi de 0,884, o *log likelihood* foi de 197.199 e o nível de significância foi de 0,048.

A seguir, serão apresentados e comentados os resultados encontrados para as variáveis selecionadas por ordem de relevância. Em seguida, os grupos de fatores descartados serão brevemente apresentados.

## 5.1 VARIÁVEIS SELECIONADAS

Como dito, apresentaram correlação com a palatalização de /t, d/ diante de [i] a variável diatópica (‘Cidade’), uma variável social (‘Faixa etária’), duas variáveis linguísticas (‘Classe de palavras’ e ‘Natureza da vogal’) e a variável estilística (‘Tipo de registro’).

### 5.1.1 Cidade

A variável ‘Cidade’ foi a primeira selecionada pelo GoldVarb X, confirmando, assim, a hipótese de variação diatópica. As cidades apresentaram uma quantidade total de dados bastante equilibrada, entretanto há uma diferença dialetal considerável, com Sobral favorecendo a palatalização e Iguatu a inibindo.

Os resultados dessa variável, considerando como regra de aplicação a variante palatal, encontram-se na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Palatalização e ‘Cidade’

Cidade	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Sobral	291/311	93,6%	<b>0,854</b>
Iguatu	161/301	53,5%	0,139

Fonte: Elaboração própria.

Diferentemente do resultado encontrado para Fortaleza, que apresentou realização categórica da variante palatal tanto para a vogal fonológica quanto para a vogal derivada (cf.

Mota e Oliveira, 2023), nas cidades do interior aqui analisadas houve variação. Provavelmente pelo fato de Sobral ser mais próxima de Fortaleza, a palatalização está bastante avançada nessa cidade, atingindo 93,6% dos dados, com peso relativo de 0,854. Sobral está também próxima a Teresina, capital do Piauí, que apresenta, segundo Mota e Oliveira (2023), 98% de palatalização de /t, d/ diante da vogal fonológica e 91% de palatalização diante da vogal derivada. Já em Iguatu, mais ao Sul do Estado e mais distante da capital, embora a palatalização tenha atingido 53,5% das ocorrências de /t, d/ diante de [i], o peso relativo de 0,139 indica que esse fenômeno é inibido.

### 5.1.2 Faixa etária

Na metodologia do Projeto ALiB, busca-se verificar como a faixa etária atua na produção das variantes linguísticas, a partir de um recorte sincrônico que permite identificar possíveis mudanças em curso considerando o tempo aparente (Labov, 2008 [1972]). Dessa forma, foram consideradas duas faixas etárias: a faixa 1, referente aos mais jovens (18 a 30 anos), e a faixa 2, referente aos mais velhos (50 a 65 anos). Em consonância com o resultado obtido por Mota e Santos (2012), constata-se a preferência pela realização palatal, considerada inovadora na língua portuguesa, pela faixa 1, totalizando uma porcentagem de 86,4%. O grupo dos mais velhos inibe a variante, cerca de 55,1% contra 44,9% de realização dentoalveolar.

Os resultados desta pesquisa estão apresentados na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2: Palatalização e ‘Faixa etária’

Faixa etária	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Faixa 1 (18 a 30 anos)	317/367	86,4%	<b>0,761</b>
Faixa 2 (50 a 65 anos)	135/245	55,1%	0,150

Fonte: Elaboração própria.

Pelo exposto na Tabela 2, os falantes mais jovens de Sobral e Iguatu favorecem a palatalização de /t, d/ diante de [i], com peso relativo de 0,761, diferentemente dos mais velhos, que a inibem com peso relativo de 0,150, embora tenha sido registrado o percentual de 55,1% de ocorrências com a variante palatal. Esses resultados corroboram o que dizem Mota (2016) e Mota e Oliveira (2023).

Mota (2016) explica que o fato de as variantes palatais prevalecerem na faixa etária 1 caracteriza uma mudança em progresso, pressuposto teórico defendido por Labov (2008 [1972]). Entretanto é preciso levar em consideração o fato de que, para a Sociolinguística, nem toda variabilidade implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Isso significa que, embora haja a variação referente à faixa etária, ainda não se pode atestar a mudança, visto que a forma dentoalveolar, considerada conservadora, e a forma palatalizada, considerada inovadora, ainda coexistem.

Logo a mudança real fica apenas no âmbito das hipóteses, pois deve ser levado em consideração o fato de que os falantes da faixa 2, ainda que tenham apresentado peso relativo de apenas 0,150, mostraram preferência pela variante palatal, que atingiu 55,1% dos dados. Esse fato, porém, pode ser justificado pela autocorreção devido ao contexto de monitoramento da linguagem durante a situação de entrevista.

### 5.1.3 Classe de palavras

A terceira variável selecionada pelo GoldVarb X foi ‘Classe de palavras’, a primeira de natureza linguística. Foram consideradas sete classes de palavras: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, preposição, pronome e numeral. Os resultados apontam que o processo de palatalização é favorecido principalmente pelas palavras substantivas, como exposto na Tabela 3:

Tabela 3: Palatalização e ‘Classe de palavras’

<b>Classe de palavras</b>	<b>Ocorrências/total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso relativo</b>
Substantivo	263/319	82,4%	<b>0,695</b>
Adjetivo	61/84	72,9%	0,499
Numeral	3/4	75%	0,440
Advérbio	24/31	77,4%	0,407
Verbo	22/40	55%	0,307
Preposição	69/114	60,5%	0,174
Pronome	10/20	50%	0,123

Fonte: Elaboração própria.

Como demonstrado na Tabela 3, observa-se que os substantivos são as palavras que mais favorecem a palatalização, com peso relativo de 0,695. A grande porcentagem de

palatalização nessa classe (82,4% dos dados) justifica-se pelo fato de ela ter sido responsável pelo maior número de palavras com contexto de /t, d/ diante de [i], 319 dados, representando mais da metade do total de ocorrências codificadas (612 no total). São exemplos de substantivos documentados no *corpus*: com vogal fonológica – *mentira*, *tio*, *liquidificador*, *dia*; com vogal derivada – *prateleira*, *sorte*, *tempestade*, *hóspedes*.

Os adjetivos apresentaram peso relativo bem próximo ao ponto neutro (0,499), com alto percentual de palatalização (72,9%). Exemplificam algumas das 84 ocorrências de adjetivos registradas: com vogal fonológica – *corretivo*, *perdida*; com vogal derivada – *cadente*, *desfiado*.

As demais classes inibem a palatalização, considerados os pesos relativos. Em termos percentuais, a variante palatal predomina em todas as classes, com exceção dos pronomes, que apresentaram 50% de cada variante.

São exemplos de verbos com contexto de /t, d/ diante de [i]: com vogal fonológica – *utiliza*, *disse*; com vogal derivada – *repete*, *pode*. Com esse mesmo contexto, são exemplos de advérbios: com vogal fonológica – *antigamente*; com vogal derivada – *antes*, *demais*. Quanto à classe das preposições, todos os 114 dados foram da preposição *de*. Quanto aos pronomes, que apresentaram 20 ocorrências, são exemplos *a gente*, *disso*, *onde* e *todinho*.

Os numerais, por sua vez, representam um número ínfimo, apenas quatro ocorrências. Os únicos numerais encontrados no *corpus* com o contexto analisado foram *sete* e *vinte*.

#### 5.1.4 Natureza da vogal

Quando ao contexto da natureza da vogal, observa-se que a palatalização de /t, d/ diante de [i] é favorecida pelas vogais derivadas, como em *leite* e *tarde*, e menos favorecida pelas fonológicas, como em *mentira* e *perdida*. Os resultados para esse grupo de fatores encontram-se exibidos na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Palatalização e ‘Natureza da vogal’

Natureza da vogal	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Derivada	319/439	75,4%	<b>0,550</b>
Fonológica	133/189	70,4%	0,389

Fonte: Elaboração própria.

Constata-se que, durante os inquéritos, houve um nível elevado de vogais derivadas, enquanto o número de vogais fonológicas foi reduzido. Sendo assim, o processo de alcance da vogal média /E/ em posição átona favorece o processo de palatalização de /t, d/. Esse condicionamento pode ser explicado por diferentes fatores linguísticos e extralingüísticos, a exemplo da vogal antecedente, da consoante antecedente, da faixa etária e do sexo, mas só seria possível obter tais resultados a partir de uma rodada de dados levando em consideração a natureza específica da vogal com variáveis independentes, como fizeram Mota e Oliveira (2023), não tendo sido possível neste trabalho, por questões de delimitação da pesquisa.

#### 5.1.5 Tipo de registro

O último grupo de fatores selecionado pelo programa foi ‘Tipo de registro’, que se refere aos estilos mais monitorado (QFF e QSL) e menos monitorado (demais partes do inquérito, com exceção do texto para leitura). Essa variável traz uma discussão importante, visto que os resultados apontam que a palatalização ocorre em maior nível no contexto mais monitorado e em menor nível no contexto menos monitorado, como é possível observar na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5: Palatalização e ‘Tipo de registro’

Tipo de registro	Ocorrências/total	Percentual	Peso relativo
Mais monitorado (QFF e QSL)	370/490	75,5%	<b>0,532</b>
Menos monitorado (demais partes do inquérito)	82/122	67,2%	0,376

Fonte: Elaboração própria.

Sabe-se que em um contexto de variação, há sempre, por inúmeros fatores, elementos que parecem dividir essas formas distintas de “dizer a mesma coisa” em duas categorias: a variante de prestígio e a variante estigmatizada ou a variante conservadora e a variante

inovadora. Esse fato tem relação não apenas com aspectos linguísticos mas também, e principalmente, com fatores sociais. Os usos da língua adjetivados como “errados”, “feios” e/ou “engraçados” estão sempre atribuídos aos usos que não correspondem à norma padrão da língua e que são utilizados, majoritariamente, por falantes de baixa escolaridade, mais velhos, de classe baixa e de regiões do país vistas, erroneamente, como menos desenvolvidas, a exemplo do Nordeste.

Diante das duas formas possíveis de produção de /t, d/ diante da vogal [i], há um certo prestígio associado à realização palatal, enquanto a dentoalveolar é socialmente estigmatizada. Esse fato contribuiu para que, durante os inquéritos, especialmente nos questionários mais monitorados, boa parte dos entrevistados optasse pela palatalização das consoantes, em uma possível tentativa de se aproximar da fala da entrevistadora. Entretanto, nos momentos de fala mais livre, durante o QMS ou ao longo das outras partes do inquérito, ao responderem perguntas mais longas, muitos acabaram por realizar as consoantes dentoalveolares do seu vernáculo.

A essa tentativa de adequação, Labov (2008 [1972]) chamou de mudanças “de cima para baixo”, que representam o processo de correção das formas linguísticas individuais. Assim, para o linguista:

A grande flutuação na variação estilística exibida pelos falantes da classe média baixa, sua hipersensibilidade a traços estigmatizados que eles mesmos usam e a percepção inexata de sua própria fala, tudo isso aponta para um alto grau de insegurança lingüística nesses falantes. A insegurança lingüística pode ser medida diretamente por diversos métodos que são independentes dos índices fonológicos. (Labov, [2008] 1972, p. 161)

Assim, ao realizar uma análise a partir da Sociolinguística, é preciso levar em consideração os vários aspectos sociais que influenciam diretamente na escolha entre uma ou outra regra, pois isso pode influenciar diretamente nos resultados. Em pesquisas futuras, surge a necessidade de entender como essa “correção” pode vir a afetar a veracidade dos resultados obtidos em pesquisas linguísticas quantitativas.

## 5.2 VARIÁVEIS DESCARTADAS

De todas as variáveis controladas nesta pesquisa, o GoldVarb X descartou sete delas como estatisticamente irrelevantes: ‘Sonoridade da consoante’ (sonora /d/ ou surda /t/), ‘Posição da sílaba’ (inicial, medial ou final), ‘Tonicidade da sílaba’ (tônica ou átona), ‘Vogal

antecedente' (a, á, e, ε, ē, i, ï, y, o, ɔ, õ, u, û, w), 'Consoante antecedente' (sibilante /s, z/, palatal /S, ʒ/, fricativa laríngea, velar ou vibrante /R/), 'Nasalidade da vogal' (oral ou nasal) e 'Sexo' (masculino ou feminino). Embora não seja possível obter os pesos relativos referentes aos fatores dessas variáveis, os resultados percentuais estão apresentados na Tabela 6, a seguir, a nível de informação e possível contribuição para futura ampliação do *corpus* e/ou para o refinamento da análise aqui apresentada.

Tabela 6: Percentual de palatalização nas variáveis descartadas

Variável	Fatores	Ocorrências/total	Percentual
Sonoridade da consoante	Consoante surda: /t/ Consoante sonora: /d/	267/339 185/273	<b>78,8%</b> 67,8%
Posição da sílaba	Inicial Medial Final	118/191 103/133 231/288	61,1% 77,4% <b>80,2%</b>
Tonicidade da sílaba	Átona Tônica	361/493 91/119	73,2% <b>76,5%</b>
Vogal antecedente	[a, á] [ɛ, e, ē] [i, ï, y] [ɔ, o, õ] [u, û, w]	77/97 115/148 50/54 43/53 11/18	78,4% 77,7% <b>92,6%</b> 81,1% 61,1%
Consoante antecedente	Sibilante Palatal Fricativa laríngea	4/5 13/21 23/28	80,0% 61,9% <b>82,1%</b>
Nasalidade da vogal	Oral Nasal	448/607 4/5	73,8% <b>80%</b>
Sexo	Masculino Feminino	200/261 252/351	<b>76,6%</b> 71,8%

Fonte: Elaboração própria.

Considerando apenas os percentuais, é possível dizer que a palatalização de /t, d/ diante de [i] é mais frequente quando a consoante é surda, isto é, a produção da consoante /t/ (78,8%) – como em *tiara* e *noite*; em sílabas finais (80,2%) – como em *leite* e *tarde*; e em sílabas tônicas (76,5%) – como em *adotivo* e *perdida*. Além disso, a vogal antecedente anterior alta (92,6%) e a consoante antecedente fricativa laríngea (82,1%) são contextos de maior ocorrência da palatalização, bem como os contextos de /t, d/ diante de [i] (80%). Observando ainda os percentuais da Tabela 6, parece não haver grande diferença entre os

dois sexos, com os informantes do sexo masculino tendo apresentado um percentual ligeiramente maior de palatalização (76,6%) do que as informantes do sexo feminino (71,8%).

Apenas com a continuidade da pesquisa e com a ampliação do *corpus* será possível examinar a verdadeira influência das variáveis acima na realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Ceará.

## 6 CONCLUSÕES

Analisou-se, utilizando como aporte teórico-metodológico a Sociolinguística e a Dialetologia, a realização variável das consoantes /t, d/ diante da vogal [i], levando em consideração a realização palatal ou dentoalveolar, nas cidades de Sobral e Iguatu, interior do Ceará. As cidades integram a rede de pontos do Projeto ALiB, que adota a metodologia da geolinguística pluridimensional.

Para tanto, foram utilizadas amostras de oito informantes, sendo quatro de Sobral e quatro de Iguatu, distribuídos em duas faixas etárias (18 a 30 anos – faixa 1 e 50 a 65 anos – faixa 2) e dois sexos (feminino e masculino), todos com nível fundamental de escolaridade. Foram consideradas variáveis linguísticas e extralingüísticas e, para o processamento estatístico dos dados, utilizou-se o programa GoldVarb X, após audição, transcrição fonética e codificação dos dados.

Dessa forma, foram coletadas, ao todo, 612 ocorrências de /t, d/ diante de [i]. Dessas, 452 (74%) foram de realização palatal e 160 (26%) de realização dentoalveolar. Levando em consideração que a realização palatal é tida como inovadora para Bulcão e Oliveira (2018), a palatalização foi utilizada como regra de aplicação do programa de análise multivariada e foram selecionadas como estatisticamente relevantes as variáveis ‘Cidade’, ‘Faixa etária’, ‘Classe de palavras’ e Natureza da vogal’, além do grupo de fatores ‘Tipo de registro’.

Quanto à ‘Cidade’, confirmou-se a hipótese de variação diatópica, com Sobral favorecendo a palatalização, com peso relativo de 0,854. A regra também apresentou correlação com a ‘Faixa etária’ dos informantes, com os mais jovens palatalizando mais, com peso relativo de 0,761, caracterizando uma mudança em progresso.

No que tange às variáveis linguísticas, no grupo ‘Classe de palavras’, os substantivos mostraram-se favoráveis à regra, com peso relativo de 0,694. Quanto à ‘Natureza da vogal’, a vogal derivada, como em *prateleira* e *grande*, revelou-se favorável à palatalização de /t, d/, com peso relativo de 0,550. Além disso, o ‘Tipo de registro’ mostrou-se também relevante, com o QFF e o QSL, ou registro mais monitorado, favorecendo a palatalização, com peso relativo de 0,532, levantando a hipótese de uma possível hipercorreção mediante influência da articulação do inquiridor.

Quanto às demais variáveis controladas na pesquisa, foram descartadas, mas é possível dizer, a partir dos percentuais, que a palatalização é mais frequente para /t/ do que para /d/ diante de [i], em posição final de sílaba, em sílabas tônicas, quando a vogal

antedente é a anterior alta [i, ë, y], após a consoante fricativa laríngea, diante de vogal nasal e em pessoas do sexo masculino.

Sobre as questões desta pesquisa, eis as respostas encontradas:

Qual a realização predominante de /t, d/ diante de [i] nas cidades de Sobral (ponto 40 da rede do ALiB) e Iguatu (ponto 49 da rede do ALiB), localizadas no interior do Ceará? No interior do Ceará, predomina a realização palatalizada de /t, d/ diante de [i], com Sobral à frente de Iguatu nesse processo.

Quais os condicionamentos linguísticos e sociais das variantes? Os condicionamentos linguísticos da variante palatalizada são a classe dos substantivos e a vogal derivada. Houve também um condicionamento estilístico, com as partes mais monitoradas do inquérito favorecendo a palatalização. Quanto aos condicionamentos sociais, a faixa etária apresentou correlação com o fenômeno, com os mais jovens favorecendo a palatalização.

Há diferenças dialetais entre as duas localidades? Há uma diferença grande entre as duas localidades, pois Sobral apresentou 93,6% de palatalização, contra 53,5% em Iguatu.

Neste estudo, analisamos a realização variável das consoantes /t, d/ diante de [i], que pode ser dentoalveolar ou palatalizada, nas cidades de Sobral e Iguatu – CE, contribuindo para o avanço do mapeamento do português brasileiro. Verificamos que a realização predominante de /t, d/ diante da vogal [i] em Sobral e Iguatu – CE é a palatalizada, mas há diferenças dialetais entre as duas localidades quanto a esse fenômeno variável. Identificamos os condicionamentos linguísticos da variação analisada (os substantivos e a vogal derivada) verificamos o condicionamento do registro mais monitorado e da faixa etária mais jovem, que apresentam correlação com a variação analisada, impulsionando a palatalização de /t, d/ diante de [i] nessas localidades.

Com os resultados desta pesquisa, espera-se contribuir para o avanço do mapeamento e da descrição do português brasileiro e com o desenvolvimento do Projeto ALiB, em busca de um maior entendimento dos fenômenos variáveis na língua portuguesa e suas influências sociais. Espera-se também que possa auxiliar no desenvolvimento de futuros estudos sobre o tema e de outras pesquisas dialetais e sociolinguísticas.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**, v. 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 52. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BRIGHT, W. (org.). Sociolinguistics. In: THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE, 3, 1964. **Proceedings...** Mouton: The Hague, 1966.
- BULCÃO, C. L.; OLIVEIRA, J. M. Realização de /t, d/ diante de [i] no interior de Pernambuco: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2018. Artigo inédito.
- CARDOSO, S. A. M. A geolinguística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. **Boletim da ABRALIN**, 23, Florianópolis, p. 18-34, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/3KKq3KvDBF9GgsyrcbBP8bt/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- CARDOSO, S. A. M. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- COMITÊ NACIONAL do Projeto ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.
- DANTAS, R. A. **A realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Ceará**: análise de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). 2018. 33f. Monografia (Licenciatura em Letras – Francês) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.
- FRETAG, R. M. **Sociolinguística no/do Brasil**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, p. 445-446, set/ dez de 2016.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 5, n. 9, p. 1-3, agosto de 2007. Trad. de Gabriel de Ávila Othero.
- MONTENEGRO, E. Iguatu Antigo: Iguatu tem história. Coluna. **Jornal A Praça**, 23 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.jornalapraca.com.br/iguatu-tem-historia/>. Acesso em: 28 mar. 2023.

- MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M. As consoantes oclusivas /t, d/ diante de [i]. In: MOTA, J. M; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**, vol. 3: comentários às cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2023. p. 117-135.
- MOTA, J. A.; SANTOS, A. M. Onde estão as “africadas baianas”? In: ALTINO, F. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade lingüística: uma homenagem a Vanderlei de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 189-209.
- NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1952; 1961.
- REDAÇÃO. Sobral: veja história da cidade, o que fazer e por que ela é a Princesinha do Norte. **Diário do Nordeste**, 5 de junho de 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/sobral-veja-historia-da-cidade-o-que-fazer-e-por-que-ela-e-a-princesinha-do-norte-1.3383950>. Acesso em: 20 set. 2023.
- RIBEIRO, M. A. M. **A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de [i] no interior baiano**. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X: a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença**, 1986 [1950].
- TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolínguistica: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 483f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- THUN, H. O velho e o novo na geolinguística. Trad. de Cláudia Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Nunes e Viktorya Santos. **Cadernos de Tradução**, n. 40, Porto Alegre, p. 59-81, 2017.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- WIKIPÉDIA. A encyclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1GINA\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1GINA_principal). Acesso em: 22 set. 2023.